

Tendências de mercado e o potencial do Oeste Catarinense para a fruticultura

Rafael Roveri Sabião¹, Eduardo Cesar Brugnara², Thiago Marchi³ e Ivan Tormem⁴

Introdução

Antes de iniciar o cultivo de frutíferas, o agricultor, investidor ou empreendedor deve procurar responder uma importante questão: “Existe mercado para minha produção?”. É necessário buscar informações de demanda do consumidor, volume, sazonalidade, padrão de qualidade, embalagem e logística de entrega no planejamento do empreendimento, principalmente pela perecibilidade das frutas. Além disso, as estratégias de comercialização devem estar definidas antes mesmo de iniciar o plantio. Depois de conhecer o mercado a ser atendido, deve-se buscar as informações técnicas para o planejamento de implantação do pomar, como: clima e solo favoráveis para cada espécie, escolha e preparo da área, aquisição de mudas de qualidade, além de outros os insumos necessários e todos os maneios subsequentes no pomar.

O Oeste Catarinense correspondente à Região Geográfica Intermediária de Chapecó (IBGE, 2020) e compreende as Regiões Imediatas de Chapecó, Concórdia, Joaçaba, Herval d’Oeste, Maravilha, São Lourenço do Oeste, São Miguel do Oeste e Xanxerê. Além disso, tem o município de Chapecó como polo econômico e populacional, ultrapassando 1,1 milhão de habitantes.

A economia regional está alicerçada no setor agropecuário de produção e processamento de proteína animal

por agroindústrias e cooperativas, mas a produção de frutas está presente nas propriedades, principalmente na forma de pomares domésticos, para autoconsumo de frutas (DORIGON et al., 2020). A fruticultura mostra-se como alternativa às outras atividades, sendo uma opção de maior rentabilidade a produtores em pequenas áreas, diversificando a produção e a renda familiar. Desta forma, o objetivo desta publicação é contextualizar as tendências para o mercado de frutas e sugerir potencialidades para o desenvolvimento da fruticultura no Oeste Catarinense.

Os cenários mundial e nacional da fruticultura

As frutas correspondem a 12% do total de vegetais produzidos mundialmente, totalizando mais de 800 milhões de toneladas em 60 milhões de hectares de área colhida, o que movimenta, anualmente, mais de US\$230 bilhões. Do volume total de frutas produzidas, 80% é embalado e distribuído, 10% é consumido ou descartado na propriedade e os outros 10% são processados na seguinte proporção: 75% para suco; 13% para geleias, frutas secas ou minimamente processadas; 10% para enlatados ou conservas; e 2% para frutas congeladas (VAN RIJSWICK, 2018).

O Brasil, terceiro maior produtor de frutas, produz mais de 40 milhões de toneladas em 2 milhões de hectares e mo-

vimenta cerca de US\$6 bilhões anualmente. Laranja e banana lideram o volume produzido com participação de 60%, tendo o suco de laranja como destaque no mercado internacional, atendendo as demandas norte-americana e europeia. Entretanto, o destaque nacional na produção de frutas não se expressa em exportações, pois elas representam apenas 0,5% do comércio internacional, sendo que as 980 mil toneladas embarcadas em 2019 representam somente 2,4% do volume produzido no território nacional e 97,6% é consumido internamente (NOGUEIRA et al., 2013; VAN RIJSWICK, 2018; CARVALHO et al., 2019; IBGE, 2020).

Consumo de frutas e tendências de mercado

Entender o perfil do consumidor e as demandas de mercado é essencial para acompanhar e adaptar a oferta de produtos. As exigências dos consumidores tradicionalmente seguiam os pilares de preço, sabor e conveniência, mas outros quesitos vêm ganhando importância, como o acesso à informação, a preocupação com a saúde e o bem-estar, a conveniência e a simplicidade de consumo e a responsabilidade socioambiental (MODA et al., 2019; NEVES et al., 2020). Por isso, as principais tendências de consumo, as exigências e as preferências de mercado podem e devem ajudar a nortear o futuro mercado con- ▶

¹ Engenheiro-agrônomo, Dr., Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar (Epagri/Cepaf), C.P. 791, 89801-970 Chapecó, SC, fone: (49) 2049-7510, e-mail: rafaelSabiao@epagri.sc.gov.br.

² Engenheiro-agrônomo, MSc., Epagri/Cepaf, e-mail: eduardobugnara@epagri.sc.gov.br.

³ Engenheiro-agrônomo, Epagri/Escritório Municipal de Lajeado Grande, Rua Vitória, 503, Centro, Lajeado Grande, SC, 89.828-000, e-mail: thiagomarchi@epagri.sc.gov.br;

⁴ Engenheiro-agrônomo, Epagri/Gerência Regional de Chapecó, C.P. 791, 89801-970 Chapecó, SC, fone: (49) 2049-7510, e-mail: tomem@epagri.sc.gov.br.



Figura 1. Apresentação das principais tendências de consumo de frutas, que se repetem nos apontamentos por Van Rijswick (2018), Moda et al. (2019) e Neves et al. (2020): Quanto maior o destaque da palavra, mais ela se repete nas citações

sumidor de frutas da Região Oeste de Santa Catarina.

Dentre as tendências pontuadas (Figura 1) por Van Rijswick (2018), Moda et al. (2019) e Neves et al. (2020), o Oeste Catarinense pode atender diretamente as demandas por produção local e sustentável; de produtos rastreados, frescos e colhidos na maturação ideal; com simplicidade das marcas e a história de cada família e localidade; atender a demanda crescente por produtos orgânicos, vegetarianos e veganos, de fácil consumo e com ganhos para a saúde, influenciados pelas redes sociais, utilizando as plataformas *on-line* de comunicação; e ofertar produtos tradicionais como doces, geleias e chimias.

O consumo nacional médio de frutas, de 29kg por pessoa por ano (p.a.), apresenta diferenças entre as classes econômicas: renda baixa – 17kg/p.a., classe média – 31kg/p.a. e classe alta – 50kg/p.a. Além disso, a Região Sul consome mais frutas, 39kg/p.a., sendo as preferidas: banana, citros, maçã, mamão, uva e manga (SILVEIRA et al., 2011).

As frutas embaladas, ou minimamente processadas, ganham mercado pela praticidade, representando de 7% a 8% do volume comercializado. A demanda de frutas congeladas incrementou 5% ao ano na última década,

apoiada pela popularidade das *berries* (mirtilo, amora e framboesa). Outro mercado continuamente crescente é o de produtos orgânicos, tanto nos países desenvolvidos, como nas classes bem remuneradas dos países subdesenvolvidos (NOGUEIRA et al., 2013; VAN RIJSWICK, 2018).

Produção, contexto climático e demanda técnica do Oeste Catarinense

A fruticultura catarinense produz 1,3 milhões de toneladas em mais de 54 mil hectares, colhidas por 13 mil produtores, contribuindo para a geração de renda, com valor bruto da produção (VBP) de mais de R\$1,6 bilhões, com destaque para banana, maçã, maracujá, uva, citros, pêssego/nectarina e ameixa (GOULART JUNIOR et al., 2017).

O Oeste Catarinense soma mais de 3,9 mil fruticultores, diversificados em até 16 espécies. Cerca de 60% das propriedades possuem até 10 diferentes espécies de frutas em pomares domésticos, tendo presença de citros em praticamente todas as localidades rurais. O índice de diversidade (Figura 2a) aumenta no sentido Meio-Oeste em direção ao Extremo Oeste. O cultivo co-

mercial regional de laranja corresponde a 76% da área de produção estadual. A produção de tangerina representa 15% da área catarinense e a viticultura equivale a 17% da área e 28% do total produzido em todo Estado (GOULART JUNIOR et al., 2017, DORIGON et al., 2020).

A presença de grandes corpos d'água (rios e represas) e as diferenças de altitude resultam em particularidades microclimáticas. Há localidades para cultivo de frutíferas de diferentes climas, desde frutas tropicais em locais de baixa altimetria e menor ocorrência de baixas temperaturas ou geadas, bem como para o cultivo de frutíferas com maior exigência em frio nas regiões mais altas. As áreas de altitude até 300m apresentam menor risco de geada, com possibilidade de cultivo de espécies tropicais ou subtropicais. Em contrapartida, na altitude média entre 300 e 600m, há condições ótimas para produção de frutas subtropicais, como os citros (Figura 2b).

O cultivo de citros está entre as potencialidades a serem exploradas. Durante o outono, o inverno e o início de primavera, as terras de altitude intermediária do Oeste Catarinense possuem temperatura e amplitude térmica que favorecem a coloração e o sabor das frutas cítricas, características importantes principalmente nos frutos para consumo *in natura*, como as tangerinas (KOLLER, 2009). Frutas cítricas de coloração mais atrativas e sabor mais intenso configuram-se como um grande diferencial de qualidade e oportunidade para a forte concorrência nos mercados de frutas de outros estados.

Considerando a população regional de 1,1 milhão habitantes (IBGE, 2020) e o consumo médio de frutas no sul do País de 39kg/p.a. (SILVEIRA et al., 2011), a demanda regional seria de, aproximadamente, 43 mil toneladas de frutas. A região produz 55 mil toneladas de frutas e, desse montante, 60% corresponde a maçãs (GOULART JUNIOR et al., 2017), que normalmente se destinam para fora do Estado. Portanto, desconsiderando o volume de maçã, o Oeste produz 22 mil

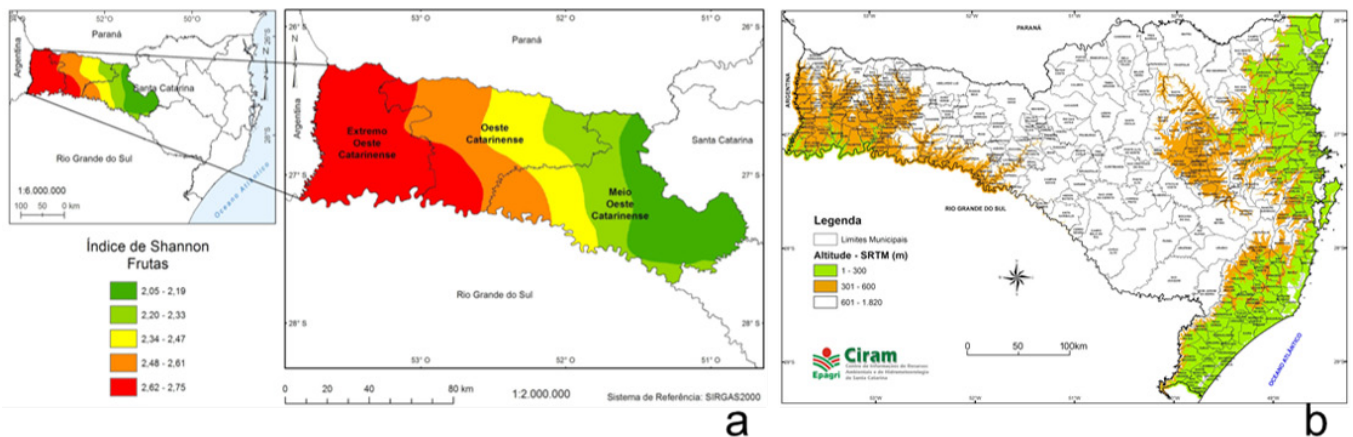


Figura 2. Dispersão espacial do índice de diversidade de Shannon (a) para as frutas produzidas nas famílias rurais na Região Oeste de Santa Catarina/Brasil, quanto maior o índice, maior a diversidade. Mapa de regiões altimétricas (b) potenciais para cultivos de citros no Estado. Fontes: DORIGON et al., 2020 (2a); KOLLER, 2013 (2b).

toneladas de frutas e, para atender a demanda sugerida acima, vê-se a oportunidade de dobrar o volume produzido para abastecer toda a região.

A demanda regional por assistência técnica em fruticultura é crescente e a procura por informações técnicas convergem para um cenário de crescimento do cultivo de frutíferas. Dados do sistema de registro de atendimentos da Epagri mostram que, de 2016 a 2019, houve incremento de 37% no número de atendimentos em fruticultura, somando 10.696 em 2019, de mais de 30 frutíferas, relacionados ao processo produtivo, à propagação, aos tratamentos culturais e ao processamento. Além disso, o percentual de atendimentos em fruticultura em relação ao total de atendimentos da Epagri na Região Oeste subiu de 5,6% em 2016 para 6,7% em 2019.

Gargalos da cadeia produtiva de frutas do Oeste Catarinense

Há gargalos em praticamente todos os elos da cadeia produtiva da fruticultura no Oeste Catarinense (Figura 3). A produção está concentrada em pomares com baixa adoção de tecnologias, muitas vezes em pequenos cultivos diversificados, inclusive do tipo doméstico. Talvez essas limitações expliquem os casos de desistência no cultivo de frutas causados por ataque de pragas e doen-

ças, perda de sementes e mudas e falta de mão de obra, relatados por DORIGON et al. (2020). A cadeia produtiva de frutas como um todo precisa ser fortalecida, para consolidar elos frágeis e avançar na tecnificação e profissionalização.

Desenvolvimento estratégico regional

A crescente demanda global por alimentos seguros, saudáveis e de origem sustentável oferece oportunidades para os agricultores familiares. A maior exigência dos consumidores aproxima-os da produção regional e familiar, favorecendo o mercado de produtos tradicionais locais ou regionais, como doces e geleias. Para tanto, o produtor necessita de capacitação, assistência técnica e agrupamentos para fortalecer as negociações de compra e venda. As medidas estratégicas para produção e valorização do produto podem ser exemplos a serem tomados: polos de produção, organização da cadeia local, utilização da sazonalidade da produção como estratégia de oferta e a adoção de um sistema produtivo diferente do convencional, como orgânico, produção integrada ou sistema agroflorestal. Cabe ressaltar que o incentivo e a estruturação da cadeia devem ser construídos paulatinamente, para gerar uma base sólida e não levar a frustrações.

Diversificar a produção e a renda é

uma necessidade. A agricultura familiar no Oeste Catarinense possui potencialidades para produção de frutas, podendo ser uma fonte de renda alternativa e diversificada frente à forte representatividade da produção de suínos, leite e aves. Apesar disso, o desenvolvimento regional sustentável da cadeia produtiva deve ser iniciado por um planejamento estratégico para superar os gargalos apresentados e proporcionar uma atividade rentável ao produtor. A construção deve envolver entidades públicas, privadas, organizações e representações de agricultores engajados.

Deve-se focar também na facilitação da busca por conhecimento, fornecimento de insumos específicos e estruturação do mercado. A escolha da cultura deve passar por uma discussão rigorosa entre os envolvidos na construção do planejamento estratégico, considerando as variáveis regionais, o potencial agroclimático, a rentabilidade, a logística e o mercado.

Como estratégia inicial, sugere-se fortalecer o trabalho da Epagri com um grupo técnico de profissionais especializados (pesquisadores e extensionistas rurais) para acompanhamento técnico e capacitação de produtores, além da geração e adaptação de tecnologias para os cultivos, com implantação de experimentos, unidades de observação e demonstrativas para validação de tecnologias. ▶



Figura 3. Representação resumida da cadeia produtiva de frutas do Oeste Catarinense com alguns gargalos identificados

A região ainda demanda incentivos para as atividades, com subsídios técnicos e financeiros em todos os elos da cadeia produtiva, desde a produção de mudas, passando por todo o processo produtivo, facilitando a aquisição de insumos, chegando até ao processamento, estruturando o agricultor para melhor atender as demandas de mercado, incentivando localmente o associativismo e o cooperativismo de pequenos e médios produtores de frutas, sabendo-se da dificuldade de produzir e comercializar com competitividade.

Em suma, o Oeste Catarinense tem potencial para fruticultura, para atender as tendências e demandas de consumo, tanto pelas características edafoclimá-

ticas e fundiárias, quanto pelo perfil da agricultura familiar, com potencial de diversificação da produção, ofertando produtos regionais frescos e sazonais, com alto valor agregado, maior vida de prateleira, com vantagens logísticas e proporcionando maior rentabilidade ao produtor.

Referências

CARVALHO, C.; KIST, B. B.; BELING R. R. **Anuário brasileiro de horti&fruti 2020**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2019. 96p.

DORIGON, C.; NESI, C.N.; TONEZER, C.; HAAG, A.L. A produção de alimentos para o autoconsumo em famílias de agricultores

da região oeste do Estado de Santa Catarina. **Redes**, v.25, Ed. Especial 2, p.2060 - 2085, 2020. DOI: 10.17058/redes.v25i0.14645

GOULART JUNIOR, R.; MONDARDO, M.; REITER, J.M.W. **Relatório sobre a Fruticultura Catarinense: Fruticultura em números - Safra 2014/15**. Epagri Documentos, 271. Florianópolis: Epagri, 114p., 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 agosto 2020.

KOLLER, O.C. Clima e solo. In: KOLLER, O.C. (coord.). **Citricultura**, Cultura de Tangerinas: tecnologia de produção, pós-colheita e industrialização. Porto Alegre: Rigel, 2009. p.54-55.

MODA, L.R.; GONÇALVES, I.C.; BARBIERI, M.G. O consumidor de frutas não é mais o mesmo! **Revista Hortifruti Brasil**. CEPEA - ESALQ/USP. Piracicaba, SP. Ano 17, n. 187, p. 10-14, 2019.

NOGUEIRA, J.G.A.; NEVES, M.F.; SIMPRINI, E.S.; SABIÃO, R.R.; TROMBIN, V.G.; CRESSONI, F.; BELTRESCHI, B.; MILAN, P.; CHEDID, M.N.C. **Estratégias para a Fruticultura no Brasil**. 1 ed. Ribeirão Preto: Atlas, 2013. 208p.

NEVES, M.F.; MARQUES, V.N.; MARTINEZ, L.F.; CAMBAÚVA, V.; SPERS, E.E. O Modelo *MarkAlim* para Oportunidades no Marketing de Alimentos. **Revista Agronomia Brasileira**, Jaboticabal, v4, p.1-8, 2020. DOI: <http://www.doi.org/10.29372/rab202023>

SILVEIRA, J.; GALESKAS, H.; TAPETTI, R.; LOURENCINI, I. Quem é o consumidor Brasileiro de Frutas e Hortaliças? A ampliação da classe média pode impulsionar o consumo de frutas e hortaliças no Brasil. **Revista Hortifruti Brasil**, Piracicaba, SP. Ano 10, n.103, p.8-23, 2011.

VAN RIJSWICK, C. **World Fruit Map 2018: Global Trade Still Fruitful**. RaboResearch Food & Agribusiness, Rabobank, Utrecht, 2018. Disponível em: https://research.rabobank.com/far/en/sectors/regional-food-agri/world_fruit_map_2018.html. Acesso em: 16 outubro 2020. ■